

JOVENS E NOVAS GERAÇÕES

Rotary Club da Portela, 28.09.05

Juventude, fase intermédia entre a **infância**: *in-fans* = o que não fala, o que "não tem ainda voz activa na matéria" - e a **idade adulta**: *adultus* = maduro (particípio passado de *adolescere*, crescer). Vários caminhos aproximam-nos da compreensão de quem são os adolescentes, os jovens.

1. O CAMINHO DA ETIMOLOGIA

Uma atenção à etimologia ajuda-nos a perceber os sentidos das palavras, iluminando a experiência fundante que esteve no germinar da semântica de um termo. Assim, a **puberdade** anuncia a saída da infância. O **púbere** - *pubes* = pêlo - já sente em si as mudanças do corpo. Curiosamente, a palavra **puberdade** aproxima-se da palavra **república** (de *res*, coisa - + *publica*, *pubes*, pêlo). **Jovem** faz ecoar o adjetivo *aiutans* do verbo *aiutare*, ajudar; jovem é aquele que atingiu a idade de poder ajudar. Etimologia simbólica... **Adolescente** vem do verbo latino *adoleo* na sua forma intransitiva incoactiva *adolescens*. Na raiz está *ad+olo* ou *ad+alô*. O termo refere-se a coisas que hão-de ser queimadas em sacrifícios aos deuses. Mais uma vez, a origem é religiosa, cívica de quem já está em situação de oferecer sacrifícios aos deuses.

2. A REFLEXÃO BIOSOMÁTICA

Estudos recentes mostram que na fisiologia corporal o jovem se aproxima rapidamente do adulto, mas está mais próximo da criança no desenvolvimento cerebral. Faltam-lhe ainda conexões entre os neurónios que afectam a capacidade emocional, certas habilidades físicas e mentais. Tem dificuldades em organizar múltiplas questões ou ideias abstractas. Há um continente na anatomia e no funcionamento do cérebro a ser pesquisado que iluminará muitos comportamentos juvenis que nos parecem anómalos.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PSICO-ESTRUTURAIS

A psicologia prefere dedicar-se às variações psico-estruturais do adolescente que vive o conflito fundamental de equilibrar dois movimentos antitéticos: ser autónomo e socializar-se para além do reduto familiar. As crianças sentem e sofrem problemas. Mas, inconscientemente soa dentro uma voz: quando eu crescer, isso passará. O adolescente e jovem percebe que não pode protelar a solução dos problemas. Urge que eles os assumam. Daí, o risco da **fuga...a** fuga do sono ou o sonhar acordado, ou a fuga dramática da droga.

4. A JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

A **juventude** vem sendo uma **construção social** e, por isso, assume concepções e compreensões diferentes, conforme os momentos históricos. Mas, encontramos sempre um traço estrutural recorrente na juventude: a **rebeldia**. A maneira de afirmá-la pode variar, mas articula-se sempre com a necessária busca de **autonomia**. Algumas frases sintomáticas: "*A nossa juventude (...) é mal educada, zomba da autoridade e não tem nenhuma espécie de respeito pelos mais velhos. As nossas crianças de hoje (...) não se levantam quando um ancião entra numa sala, respondem aos pais e tagarelam em vez de trabalhar. São simplesmente más*" - Sócrates, 470-399 A.C.. "*Não tenho nenhuma esperança para o futuro do nosso país, se a juventude de hoje lhe assumir o comando amanhã, porque esta juventude é insuportável, sem compostura, simplesmente terrível*" - Hesíodo, 720 A. C.. "*Esta juventude está corrompida até ao mais profundo do coração. Os jovens são malfeitores preguiçosos. Não serão nunca como a juventude de antigamente. Os de hoje não serão capazes de manter a nossa cultura*". - escrito num jarro de argila nas ruínas de Babilónia: + de 3.000 A.C.

5. JOVENS, MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Os termos **modernidade** e **pós-modernidade** resumem bem os traços fundamentais do nosso clima cultural. Cada vez mais raros são os jovens que estão à margem deste movimento cultural. Outros entram na modernidade pelas asas da elite; outros pelos porões da luta pela sobrevivência. Outros, ainda, inserem-se nela ou são excluídos. Outros cansam-se da modernidade e metem-se de corpo inteiro na nascente pós-modernidade da festividade, ou do tédio, ou da experiência mística, ou do compromisso humanitário.

6. O JOVEM DA PÓS-MODERNIDADE GLORIOSA E BACANA

Esta juventude pós-moderna é frutiva, gozadora. Estabelece o dogma principal do **prazer** em torno do qual erige os cultos, os ritos, os símbolos. E procura o prazer a **curto prazo**, imediato, presente. Revive o *carpe diem* de Horácio - "goza o presente". Faz seu o dístico latino evocado por Umberto Eco no conhecido romance "O nome da Rosa": "Sfafa rosa *pristina nomine / nomina nuda tenemus*" [Está a rosa antiga só nominalmente / o que temos são nomes vazios⁰].

Diferentemente dos jovens modernos, o jovem da pós-modernidade não se satisfaz com as actividades produtivas, mercantis, pragmaticamente úteis, funcionais. Critica-as a partir do **grau da auto-satisfação**. O tempo das leituras é substituído pelas horas de ginásio. A juventude pós-moderna cultiva sobremaneira a **beleza**. A estetização alcançou o conjunto da cultura, substituindo em muitos casos a própria ética. É o reinado do **narcisismo**. O novo santuário é a **vida privada**, cercada pela indiferença ou alheamento em relação às questões da vida colectiva.

O grande desafio à nossa actuação educativa é despertar nestes jovens a **consciência social** e mostrar-lhes como o **compromisso** tem uma dimensão de prazer. É possível desenvolver uma sadia **pedagogia do prazer**. A pós-modernidade é a negação do tempo por causa da concentração no presente. Este **presentismo** consome as energias criativas do jovem pós-moderno. Perde-se a noção de passado e de futuro. Não existe história. Há que pensar numa **pedagogia do tempo**: saber pensar e construir a vida, as realidades numa dimensão dilatada e estendida no tempo. Só assim o jovem se forma para o compromisso, para a felicidade. A pedagogia do tempo compreende que a duração pertence fundamentalmente à construção e à disciplina da vida afectiva. É um facto essencial. A **afectividade** desenvolve-se no tempo.

7. O JOVEM ENFADADO, CÉPTICO, INSATISFEITO, FRAGMENTADO

Uma vida de prazer sem quase responsabilidades parece, à primeira vista, realizar o **sonho rosado** de uma vida jovem. Mas esse é o lado colorido da questão. Por trás há uma **degradação existencial** que lhe reduz a capacidade de maravilhar-se, de entusiasmar-se, de distinguir o importante do que não é, de gozar intensamente, de realizar experiências que revelem sentido novo. É uma vida roída pela **melancolia** suave e desencantada. Quer sair dessa situação. Mas não tem estrutura suficiente para uma decisão corajosa, forte, enérgica, que o arranque dessa situação de melancolia: "*Moro no número sete, rua da Melancolia / Quero mudar-me há anos para o bairro da alegria/Mas sempre que tento, já tinha partido a carreira/E na escadaria me sento, a assobiara melodia*" (Joaquín Sabina).

De novo, encontramos-nos com a capacidade crítica desse jovem pós-moderno, mas ao mesmo tempo, com a dificuldade que ele tem de **avançar na raiz da crítica** e, sobretudo, de aventurar uma saída. Melancolia e acomodação alimentam-se mutuamente. Quanto mais melancolia, mais acomodação. Quanto mais acomodação, maior a melancolia. Entra-se num círculo implacável. Para a maioria dos jovens nessa situação a saída do círculo dependerá de uma experiência mais forte do que o círculo, de **uma presença** que lhes desperte aquele desejo de alegria que nele está latente.

8. O JOVEM DA REALIDADE VIRTUAL

Cresce o número de jovens que diminuem as relações reais em prol das relações ditas **virtuais**. Substituem o face-a-face pelo encontro no monitor do computador. Conectam-se com o servidor e navegam pelo mundo, estabelecendo contactos e relações por imagens. Ainda nos escapam os **efeitos desta cibercultura** sobre a geração jovem. Fala-se da **cultura do simulacro** em que as imagens do monitor apagam os traços da diferença entre o real e o aparente, entre verdade e simulação, entre certeza e opinião. Mas esta é **uma cultura e não a cultura**, nem a única cultura. Toma-se necessária **uma leitura crítica** diante da sociedade do **simulacro e do espectáculo**. Tal não significa, porém, qualquer diabolização da tecnologia, da informática e da telemática. A sociedade actual é impensável sem os avanços tecnológicos. A questão não está tanto no uso da técnica, mas sim no pensar e assumir a realidade, o convívio com as pessoas, a própria subjectividade, a ligação com o Transcendente a **partir de e numa** compreensão estritamente **tecnológica**. Impõe-se aqui todo um **trabalho educativo e de discernimento**, em que se distinguem a condição de *meio* da técnica e a dimensão de *fim* dos valores autónomos. Valores que se fundam na condição humana e que são constantes antropológicas que superam os tempos e os espaços.

A juventude é um tempo de educação, na própria raiz desta palavra (= *tirar de*). A educação constrói-se no duplo movimento de **oferta e de descoberta**. Oferece-se de fora, mas insistindo sempre na riqueza já existente anteriormente no educando. Toca ao educador, como *maieuta* (parteiro) fazer nascer esse ser novo que dorme no interior de cada um.

Pé. António Janela